

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Lapenda, Geraldo Calábria. 1962. O dialecto Xucuru. *Doxa* (Revista Oficial do Departamento de Cultura do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Pernambuco da Universidade do Recife), ano X, n. 10, p. 11-23.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/lapenda_1962_xucuru

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente artigo foi digitalizado por Marcelo Lapenda e acrescentado ao acervo da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em janeiro de 2009.

doxa

Há 25 anos escrevi este artigo.
Hoje não sei se a situação mudou. Deve ter mudado.

Prof.
Geraldo Lapenda

Catedrático de Língua
e Literatura Grega

O DIALETO XUCURU

A primeira parte deste trabalho (de 1.1 a 1.6) se constitui, exclusivamente, de material fornecido pelo prof. Raimundo Dantas Carneiro, chefe da 4.^a R.I. do Serviço de Proteção aos Índios. Chego, muitas vezes, a usar suas próprias palavras.

Nas partes seguintes procuro fazer um esboço, tanto quanto possível, da estrutura da língua dos índios Xucurus, baseado apenas em informações prestadas por Cicero Cavalcanti, auxiliar de inspetor do S.P.I., que coligiu as frases, transcritas no final deste estudo, e também um pequeno vocabulário. Posteriormente entrei em contacto com os índios Luís Romão de Siqueira (Peteregwe) e Jardelino Pereira de Araújo (Mãojê) que me dirimiram certas dúvidas.

de onde foram, principalmente
palavras, frases, por tudo e conveniências de que
me foram dadas por eles.

1.1 Os Xucurus habitam nas proximidades da aldeia de Cimbres, no Município de Pesqueira. Vivem em malocas, espalhados pela Serra do Ororobá (ou Urubá), nas localidades denominadas Canabrava, Brejinho, Cajueiro, Ipanema Velho, Caldeirão, Jitô, Lagoa, Machado, Sítio do Meio, Riacho dos Afetos, Tríncheiras, Bem-te-vi, Santana, São José. Destas, as duas primeiras são as mais habitadas.

Parece que outrora esses índios ocupavam uma extensa área, a qual abrangia os Estados de Pernambuco e Paraíba, desde Caruaru até Alagoa do Monteiro, e que portanto compreendia principalmente os Municípios de Caruaru, Brejo da Madre de Deus, Belo Jardim, Sanharó, Poção, Pesqueira, Arcoverde.

1.2 Na maioria são analfabetos. Só em 1954 é que, por intermédio do dr. Raimundo D. Carneiro, o S.P.I. criou o Posto Xucuru, no local denominado São José, onde há uma capelinha antiga. Aí se mantém uma escola com quase uma centena de alunos. Em 1957 se fundou outra escola em Brejinho.

1.3 A população é hoje misturada com brancos e negros. Incluindo os mestiços, são aproximadamente 2.200 caboclos. Em 1749, havia somente 642 indivíduos puros; em 1951, cerca de 1.500 puros e mestiços.

DOXA

Hoje, quanto a?
** não (puro), mas (mestiço), não folgo, e entesse.*

1.4 Os mais moços só falam o português. Os mais velhos ainda conservam muitos vocábulos do seu dialeto, com os quais se exprimem, auxiliados pelo português e usando a sintaxe portuguesa.

1.5 Nos dias de feira, isto é, nas quartas e nos sábados, os índios descem da serra e expõem suas mercadorias à venda: frutas, flôres, raízes, verduras, beijus, bôlsas, abanos, chapéus, etc.

1.6 Embora sua religião seja hoje a católica, os índios mais velhos praticam ainda o rito antigo, mais conhecido por "segredo". Fazem-no, porém, às escondidas, por causa da policia que alega essas práticas serem catimbó.

Anualmente, na véspera das festas de São João e São Pedro, todos vão à vila de Cimbres dançar o "toré" em louvor a êsses santos e a Nossa Senhora das Montanhas. Para isso, usam vestes características, recamadas de palha de milho, que amarram nos ombros, nos braços, na cintura, nos joelhos e nas pernas; na cabeça põem um barrete enfeitado de manjerição, rosas e outras flôres. Durante o "toré", um caboclo fica de parte tocando gaita, enquanto os demais dançam formados em grupos de dois, cada um com um cacête na mão, batendo no chão e sapateando. Algumas vêzes, cantam; outras, dão fortes assobios para reunir os companheiros.

No dia 2 de julho, festejam Nossa Senhora das Montanhas: fazem uma grande fogueira e dançam, ora em redor desta, ora perto da igreja, com vivas à Mãe de Deus.

1.7 Aproveitarei aqui a oportunidade para dar as palavras relacionadas com a religião e com o rito:

Putú, Paité = Deus	jubêgo = feiticeiro
Papá Duá = Nosso Senhor	jetó = espirito
Taminn = Nossa Senhora	jetó jéti = invocar os-espíritos
Taman-in-a = N.S. das Montanhas	jiton = fumar durante o rito
prayá = rito	xanduré = cachimbo do ritual
inkant = reunião ritual	

jusa = vinho feito de jurema, oferecido aos espíritos.

ukrinmakrinkrin = comida, preparada com mocó, oferecida aos espíritos.

X X X

2.1 Igual ao da lingua iatê, falada pelos índios Fulniôz, de Águas Belas, também o sistema articulatório puramente oral do vocalismo xucuru é o mesmo que o do português.

Com a lingua em posição normal, pronuncia-se a vogal central a. As outras vogais são formadas com a lingua fora da posição normal, em três níveis: alto (i, u), médio (ê, ô), baixo (é, ó).

Destas, três são anteriores (com o pré-dorso da lingua em confronto com o pré-palato) e não-arredondadas: i, ê, é; três são posteriores (com o dorso da lingua em confronto com o véu palatino) e arredondadas: u, ô, ó.

i		u
ê		ô
é		ó
	a	

2.2 Essas vogais podem ainda ser acompanhadas de ressonância produzida na cavidade nasal.

Por motivos tipográficos, sou infelizmente forçado a usar o n, depois de vogal, para indicar-lhe a nasalidade: an, en, in, on, un (onde portanto o n equivale ao nosso til):

gahanxo (ga-han-xo) = boi
 lungin (lun-gin) = sal
 menmengo (men-men-go) = bode
 marinha (ma-rin-ha) = boi
 amun (a-mún) = farinha de mandioca
 wanmanx (wan-man-x) = onça
 jetonm (je-ton-m) = gato
 taminn (ta-min-n) = Nossa Senhora
 nennenn (nen-nen) = dizer
 xennunpr (xen-nun-pr) = índio
 manntu (man-n-tú) = tatu-bola.

gahãxo
 mēmēgo
 marĩha
 jetõm wãmãx
 xẽnũpr nẽnẽ

No caso de uma vogal nasal seguir-se de outra vogal ou de uma semiconsoante, emprego o hífen para que ninguém pronuncie esse n (que é mero sinal diacrítico) como consoante línguo-dental nasal:

Taman-in-a (ta-man-in-a) = N.S. das Montanhas
 kreun-inxo (kré-ún-in-xo) = pinto
 gon-yã (gõn-yã) = dormir
 tuman-igú (tu-man-i-gú) = arma de fogo

tamãia
 krẽũxo
 tumãigú gõjã

2.3 Todas as vogais têm normalmente a mesma duração. Não há portanto diferença fonológica entre longa e breve no xucuru. Nem há vogais faríngeas como as existentes no iatê.

2.4 Há duas semiconsoantes ou semivogais (y, w), semelhantes às do iatê e do cariri. A língua se coloca em nível mais elevado que no da prolação das vogais i e u, respectivamente:

mayópó = intestino, ventre
 awiko — rapazola
 tan-yen = bêbado
 wanmanx = onça

tã yẽ

pronuncia mais
 rápida que
 as vogais
 comuns

2.5 Nos vocábulos que tenho à mão, não encontrei ditongo nasal algum, mas apenas quatro ditongos orais decrescentes: aw, ay, êw, êw:

DOXA'

com um repete de um
 após a vogal jãta

zĩbaw

zinbaw = café
itay = dinheiro
befew = melancia
téw = água

Podemos acrescentar os ditongos crescentes wa, wan, wê e wé. Embora sempre unidos à velar surda k, devem ser considerados como ditongos. Creio que o k e w não chegam a formar uma só consoante velo-labial, igual à que se encontra p. ex. no iatê, porque no xucuru o w não indica apenas a labialização do k, mas se sente como semivogal separada:

iãkwã
{mãkwé
{mãkwé

sakwaren = faca
iankwan = venha cá
kwëbra = pedra
mankwé (ou mankué) = negro

2.6 Quanto às consoantes, as quais divido em ruídos e sons, prefiro apresentá-las no seguinte quadro:

	RUÍDOS				SONS		
	Oclusivas		Fricativ.		nasais	orais	
	surdas	sonoras	surdas	sonoras		lateral	vibrante
Bilabiais	p	b			m		
lábio-dentais			f	v			
língua-dentais	t	d			n	l	
língua-alveolares			s	z			r
língua-palatais			x	j			
língua-velares	k	g					
laringea				h			

O r é uma vibrante simples, igual ao do português na palavra "caro". O h é uma fricção sonora da laringe (diferente do h inglês, que é surdo) e corresponde ao nosso r múltiplo, mas pronunciado sem qualquer vibração uvular ou velar ou lingual, conforme acontece aqui no Nordeste e em várias outras partes do Brasil.

2.7 Todas as consoantes (com exceção de b, f, v, l) podem en-

Notar o "o" final de português!
 charco : zakrî encosto : ãkãtî

contrar-se em posição final de sílaba ou de palavra. Contudo essas consoantes finais têm prolação completa, passando pelas três fases: **catástase, articulação sistente, metástase**. Quase se percebe, após elas, um como som vocálico brevíssimo semelhante ao *i*. Isto se dá principalmente quando se acham no fim de palavras. Creio que talvez seja defeito de pronúncia dos índios atuais, como também o é quando alguns proferem o *o* átono final como *u*, certamente influenciados pelo português.

- wannanx (i) = onça
 xennunpr (i) = índio
 Taminn (i) = Nossa Senhora
 jetonm (i) = gato
 amank (i) = animal, boi

chegando mesmo a ser
 um shun

Portanto a transição entre duas consoantes é sempre **aberta**, e também não há fonema consonântico geminado. Somente os grupos, cujo segundo fonema é vibrante ou uma lateral, têm transição fechada. Os principais encontros consonantais são: **pr, br, kr, kl, px, tk, tm, tx, dg, kx, gz, st, zm, hg, hm, nt, sk**. Os seis últimos podem ter igualmente transição fechada.

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| a) pró = velho | kréká = cabeça |
| akôbra = banana | klarihmon = lua |
| b) kapxégo = cadáver | xetkubú = brasa, fogo |
| inkutmen = de tarde | utxaká = timbu, gambá |
| madgoz = tripa | krikxé = chover |
| zangzag = carneiro | stongo = fumar |
| suska = arapuá | zmaragugo = carnívoro |
| lemolahgo = terra | klarihmon = lua |
| manntú = tatu | |

klarichmô

2.8 Em algumas palavras encontrei ensurdecimento do **j** inicial. Talvez se trate, pelo contrário, de sonorização do **x**, porque não posso estabelecer qual a forma básica:

- jupegúgo, xuegúgo = mentiroso
 jigo, xigo = milho

2.9 Procurei determinar a **frequência fonética**, baseado nos vocábulos todos que tenho coligidos. Tomando como 100% o total da soma dos fonemas repetidos, obtive o seguinte resultado (aproximado), em percentagem:

k	7,72	p	3,45	z	0,77
r	6,85	j	2,30	d	0,77
t	5,40	b	2,30	h	0,38
g	4,63	l	2,30	f	0,38
x	4,24	n	1,54	v	0,07
m	3,45	s	1,15		
a	12,35	é	2,30	in	3,08
u	6,55	ó	1,92	an	2,65
i	6,17			en	2,30
ô	6,17			on	1,92
ê	3,08			un	0,77

2.10 Quanto ao acento, pelo que pude observar, só há palavras oxítonas e paroxítonas. Se antes o acento era intimamente ligado ao tom (como ainda hoje é o do iatê), nada se pode provar; o certo é que, no presente, ele é apenas de natureza dinâmico-espiratória.

Parece que sempre são oxítonas as palavras acabadas em:

- a) i, u,
- b) vogal nasal
- c) ditongo
- d) consoante
- e) vogal precedida de y ou j

X X X

3.1 Nada mais resta dos pronomes pessoais, dos possessivos, dos demonstrativos, dos relativos, dos indefinidos. Nenhum exemplo dos numerais; nem de preposições (ou "posposições"), nem de conjunções, nem de interjeições.

Dos advérbios, ainda subsistem a negação **biá** (talvez antigo sufixo, como **dode** no iatê) e algumas locuções temporais que parecem conter a preposição portuguesa "em" transformada em **i** nasal (**in**):

nōyē

- non-yen biá** = não falar
- in bemen** = de manhã
- in kutmen** = de tarde
- in tataramen** = de noite

A conjugação verbal, com os possíveis modos e tempos, desapareceu totalmente, e não há indicio algum de como o substantivo e o adjetivo podiam variar em gênero, ou em número, ou mesmo em tempo e em classe.

3.2 Nota-se a frequência do sufixo **go** nos verbos, nos nomes verbais de agente, nos adjetivos e até em nomes de animais (que antes deveriam originar-se de nome verbal, como acontece no iatê):

- | | |
|--------------------------------|---------------------------------|
| a) arágo = matar | kupágo = espancar, matar |
| xikúgo = defecar | xabrêgo = urinar |
| montógo = correr | uyuíngo = copular |
| stongo = fumar | kringó = comer |
| ajigo = prender | etc. |
| b) xukégo = ladrão | jubêgo = feiticeiro |
| konengo = bom | katongo = feio |
| c) bengo = preá | jabrêgo = cachorro |
| lanprêgo = onça | menmengo = bode, cabra |
| tantango = gato-do-mato | |

Este mesmo sufixo aparece também unido a outro, para formar nome (adjetivo, substantivo):

- inbrugúgo** = guloso, gula
- jupegúgo** = mentiroso, mentira
- zmaragúgo** = carnívoro
- tayegêgo** = doente, doença
- kré agúgo** = chapéu (coberta da cabeça)

3.3 Muito usado também (mas muito menos que **go**) é o sufixo **men**, cujo significado é difícil de determinar, embora às vezes pareça ter valor adverbial de tempo, e às vezes formador de adjetivo:

in bemen = de manhã
in kutmen = de tarde
komenmen = bom dia!
lakutmen = boa tarde!
koriko pexerumen = mocó (animal)
koriko mandumen = preá

3.4 É interessante a semelhança de forma e de sentimento entre o sufixo **go** do xucuru e o sufixo **go** (com suas variantes **ko**, **ga**, **ka**, **ke**, **he**, **se**) que existe em vários dialetos do Amazonas: tucano, wanana, kubewana, etc.

a) Tucano:

yoagô = comprido
ayungô = bom
in-aangô = mau
kahtigo = vivo
etc.

b) Wanana:

nenga = ver
tôoga = ouvir
taga = vir
waga = dar

matsinga = saber
huiga = temer
phanga = bater
etc.

c) Kubewana:

meako = bom
dariko = liso
in-hiko = curto

amenko = mau
poraorako = peludo
etc.

bwáhako = bater
wehako = temer

on-hako = escavar
etc.

X X X

4.1 Da língua xucuru, só existem hoje vocábulos que designam meramente o conceito em si, sem qualquer determinação de categoria (gênero, número, pessoa, etc.). Ou, melhor, só restam **nomes**. Sim, porque do verbo permanece unicamente a forma nominal, e o adjetivo é também nome:

kringó = comer, comida
xurak = fome, faminto, ter fome
jupegugo = mentiroso, mentira, mentir

4.2 Às frases coligidas por Cicero Cavalcanti, que se acham no final deste trabalho, são mero aglomerado de palavras sucessivas, com relação sintática fictícia. Houve, por parte do índio que formulou tais frases, ou por parte do branco que as colheu, intenção de serem usadas unicamente palavras xucurus. Mas isto não correspon-

DOXA

coms mei. de identificação de um "status" de índio

mas há palavras: não sintaxe; basta ler os vários ex-
plos de Cichó comparando-os com a tradução. Notem-se os
exemplos, entre outros;

de à realidade, porque em suma esses índios apenas falam o portu-
guês, embora enriquecido por uma centena de palavras de sua an-
tiga língua. São o artigo e o verbo 'ser' costumam ser omitidos
(prova de que no verdadeiro xucuru havia a frase nominal pura e
não existia artigo).

• Tomemos como exemplo as duas primeiras frases do elenco:

"O caboclo está com raiva do branco"

"O feiticeiro embriagado deu uma pancada na cabeça da moça"

Os índios as expressam, não exatamente como informaram ao C.
Cavalcanti, mas do seguinte modo:

"xennunpr está com man-yógo de karé"

"jubrégo jog fez kupago na kreká de tiopipo"

Igualmente, para traduzir "o índio morreu", podem dizer:
"xennunpr virou kupun", que literalmente significa "o índio virou
defunto". E assim por diante.

4.3 O xucuru deveria ter sido uma língua de relação pura. A
ordem das palavras podia servir para exprimir conceitos.

Essa relação era regressiva, como no tupi e no iatê, e diferia da
do cariri, em que é progressiva. Isto se pode observar nos poucos
exemplos de compostos endocêntricos:

(kré-ká = cabeça; agugo = coberta, cobrir)

kré-agúgo = coberta da cabeça (= chapéu)

X X X

5.1 Causa pasmo haver, para o mesmo conceito, duas ou três
ou quatro palavras com igual significado:

cabelo = avenko, exék, unj
gambá = totiko, utxaká
nariz = axéko, xikrín
onça = lanprégo, wanmanx
ovelha = burudo, zangzag
pequeno = akrugó, bibi, gingín, krinin, kuit
cacête = konkré, ximbó
bom = konengo, pirara
ôlho = axó, piganman
negro = taka, gon-yé, mankwé, jupú
faca = sakwaren, tilôa
mau = awixo, irú, inbrugúgo
água = kaité, téw, xakr
correr = montógo, onbréra
feio = katongo, waga
sal = inkin, lungín
terra = lemolahgo, kraxixi
velho = pró, tayópo
barriga = mayópo, tuyá
boi = gahanxo, marinha
cachimbo = makringó, xanduré
gado = xafangú, amank

menino = **jeút, mayópipo**
 pedra = **kwëbra, krekrë**
 Deus = **Putú, Paité**
 etc.

Isto pode ser razoável em uma língua que se encontre em sua pujança, em seu uso completo. Mas no xucuru, desfeito em sua estrutura e que vive só de vestígios, tal fato parece esquisito.

Contudo creio que essa multiplicidade de sinônimos se deva às seguintes causas:

a) Os xucurus hodiernos devem ser o resultado, não de uma tribo única, mas da mistura de indivíduos de tribos diferentes; mistura essa um tanto recente, de tal forma que ainda se conservem de cada grupo vocábulos da própria língua de origem.

b) Palavras há só empregadas no ritual religioso, diversas das do uso vulgar.

c) Em se referindo a animais, alguns vocábulos devem ser termos convergentes, cada um antigamente aplicado a indivíduos do mesmo gênero, mas de espécie diversa.

d) Finalmente pode haver o caso em que se trate de verdadeiros sinônimos da antiga língua.

5.2 Dentre as palavras portuguesas, há uma que recebeu certa modificação semântica:

(chaminé) **ximinéw** = fumaça

(encumb) ikat = remissão ritual

Suponho também que a forma "charco" do português tenha dado origem à palavra **xakr** (= água, rio). "Se non è vero, è bene trovato".

5.3 O tupi contribui, de certo modo, com alguns vocábulos. Esta contribuição parece ter sido remota; ou mesmo posterior, através do português. Algumas vezes (o que igualmente se verifica quanto ao iatê), tal influência pode não parecer muito exata:

XUCURU

TUPI

ximbó = cacête
tuyá = barriga
Paité = Deus
murasi = sol
karé = homem branco
xako = casa
téw = água
sakwaren = faca
itay = dinheiro
poyá = pé
inkin = sal
akôbra = banana

š-embó = cacête
t-yé = barriga
pai-eté = senhor verdadeiro
kwarasy = sol
karaiba = homem branco
s-oka = casa
t-y = líquido, água
takwar = (faca de) taquara
itaçuba = dinheiro
py = pé
jukyra = sal
pakoba = banana

5.4 A contribuição fulniô parece a mais recente, e talvez bem

*Os índios ~~podem~~ provavelmente uma identificação
mantendo-se diferentes do que os rodeiam e recebe
formas do iatê*

recente. Algumas palavras são exatamente iguais às do iatê; outras apenas semelhantes; outras, pelo menos, as lembram na forma:

XUCURU

suska = arapuá
xiá = frio
fekia = ticaca
xuá = vento forte
tilóa = faca
saká = feijão
teadusaka = peru
nennen = dizer
itôka = fogo

akó = filho
tuxá = doce
jusa = vinho de jurema
nekrétá = cacique
inxá = carne

IATÊ

suska = arapuá
xiá = frio
fekia = ticaca
xwmá = vento forte
thloá = faca
natsaká = feijão
watsaká = peru
ne = dizer
towe = fogo
i-to-ka = tocar fogo
e-ka = filho
e-xá = doce
khoxa = vinho de jurema
e-fkhéthá = dirigente
útxi = carne

X X X

6.1 Não posso deixar de anotar certas semelhanças coincidentes no xucuru e na língua dos índios do Amazonas, sobre os quais falei anteriormente, quando me referi ao sufixo *go* (Cfr. 3.4). Podem ser meras coincidências, mas também pode ser útil apresentá-las:

PIRA-TAPUIA

konono = bom

KUBEWANA

kerabo = pedra

KUMADENE

ka-inirhidari = marido

IDEMASÁ

bókó = velho
nigeaga = mau
yábea = não

XUCURU

konengo = bom

kwêbra = pedra

arideri = marido

wakó = velho
waga = mau, feio
biá = não

6.2 O presente estudo (além de ser um resumo, um tanto apressado, do que estou realmente fazendo) necessita de mais elementos que sirvam de base para uma comparação melhor entre o xucuru e as demais línguas indígenas, pois o exíguo número de vocábulos ainda existentes e a falta completa de morfologia e de sintaxe não me possibilitam a classificar esta língua em qualquer grupo lingüístico do Brasil. Tudo giraria em torno de hipóteses secundadas por alguma analogia de forma e de sentido por acaso encontradas. Mas, conhecendo bem o tupi e o iatê, e tendo regular conhecimento do cariri, posso afirmar com segurança:

OS XUCURUS NÃO SÃO TUPIS NEM FULNIÓS,
E MUITO MENOS CARIRIS.

X X X

Para terminar, transcrevo as frases que o Cicero Cavalcanti co-
lheu e que, repito, são sintaticamente artificiais:

- | | |
|---|---|
| 1) xenunpr man-yógo karé | 1) O caboclo está com raiva do branco. |
| 2) jubêgo jog kupágo kréká tío-
pipo | 2) O feiticheiro embriagado deu uma pancada na cabeça da moça. |
| 3) xennunpr <u>kringó</u> xoxógo kuit | 3) O índio comeu um pequeno pedaço de beiju. |
| 4) inxa xangzag konengo | 4) A carne do carneiro é boa |
| 5) urika karé konengo | 5) A bebida do branco é boa |
| 6) xennunpr tayegêgo xurak | 6) O índio está doente de fome |
| 7) <u>tapifo montógo arágo</u> tuman-
igú xakrok, tapipo teregon-
men xurak | 7) A menina foi matar com arma de fogo o tatu, ela chegou com fome. |
| 8) xurak, xugin konengo <u>kringó</u> | 8) Eu tenho fome, o feijão está bom de se comer. |
| 9) <u>kringó</u> tuxá, pirara kaité
<u>xlá</u> , xáko onbria pró | 9) Comi doce, com boa água fria, em casa de meu velho camarada. |
| 10) tapuka tigá konengo <u>kringó</u> | 10) A galinha assada está boa de se comer. |
| 11) tapuka <u>kringó</u> kuit jigo | 11) A galinha comeu muito pouco milho. |
| 12) befêw konengo <u>kringó</u> | 12) A melancia está boa de se comer. |
| 13) wanmanx <u>kringó</u> menmengo | 13) A onça comeu o bode. |
| 14) amank <u>arágo</u> gon-yé xako | 14) O boi matou o negro em casa. |
| 15) xako irú biá | 15) A casa não é ruim. |
| 16) <u>pininga montógo</u> xako Paulo | 16) O cavalo foi-se embora para a casa de Paulo. |
| 17) <u>pininga pirara montógo</u> | 17) O cavalo é muito bom de se viajar. |

- 18) Pedro intataramen kebogó
konkré xikrin, xukégo ji-
bongo kuit
- 19) Pedro xukégo pitinga jabrégo
akrugó onbria
- 20) karé xukégo gurinxáun akó
xennunpr inkutmen
- 21) arederi ajigo xennunpr
- 22) jigo konengo inxa tapuka
- 23) inxa inkin konengo
- 24) amun konengo
- 25) sanzara arágo tepô
- 26) akó jadírimen irú
- 27) xenn awiko píxara, pírax
- 28) mayópipo kréxa katongo
- 29) tapipo karé tóé
- 30) jéút xukégo kréagúgo onbria
- 31) téw xiá konengo tuxá
- 32) pepuko João konengo biá
- 33) tapipo xennunpr pírax, tapipo
potá píxara
- 34) xennunpr poyá tayegégo
- 35) Manú zmaragugo bengo
- 36) tazip pró waga
- 37) krenj irú
- 38) gon-yé poyá katongo
- 39) batukrin xiá konengo
- 40) tayópô nen-yen biá xukurú
- 18) Pedro de noite matou uma
pessoa de cacetada no nariz,
para roubar uma quantia in-
significante.
- 19) Pedro roubou o cavalo e o
cachorrinho de seu camarada.
- 20) O branco roubou a fava do
filho do caboclo à tarde.
- 21) O soldado prendeu o índio.
- 22) O milho é bom com carne de
galinha.
- 23) A carne salgada é boa.
- 24) A farinha de mandioca é boa.
- 25) A cobra matou a raposa.
- 26) O filho do soldado é ruim.
- 27) A flor do rapazola é muito
boa e bonita.
- 28) O menino do mulato é feio.
- 29) A menina do branco é mo-
desta.
- 30) O menino roubou o chapéu
de seu camarada.
- 31) A água fria é boa com doce.
- 32) A réde de João não é boa.
- 33) A índia é muito bonita, ela
dança muito bem.
- 34) O índio está com o pé doente.
- 35) Manuel é comedor de carne
de preá.
- 36) O sapato do velho é feio.
- 37) A lenha é ruim.
- 38) O pé do negro é feio.
- 39) O dia frio é bom.
- 40) Meu avô não fala o xucuru.

41) karé Pesqueira nen-yen
xennunpr xukurú munkunj,
karé xupegúgo

42) karé xukégo kraxixí xukurú
Urubá, xennunpr nan-yógo

41) O povo de Pesqueira diz que
o índio xucuru é preguiçoso,
isto não é verdade.

42) Os brancos tomaram as ter-
ras dos índios da Serra Uru-
bá, e eles ficaram com raiva.

Há ainda uma frase xucuru, que parece legítima, com talvez alguma deturpação fonética, e cujo significado literal os próprios índios desconhecem:

kanbay zipotay = valha-me Deus!

Em tôdas as frases acima citadas, restringi-me a transcrever, sem alteração de qualquer ordem, a mesma tradução fornecida pelo Cícero Cavalcanti. Apenas adaptei as palavras xucurus ao meu sistema gráfico.

Recife, 20 de agosto de 1962.